

401 - ESTRATÉGIAS PARA A PRESERVAÇÃO DAS FIGUEIRAS NATIVAS DA BIORREGIÃO DO LARANJAL

Eng. Agr. MSc. Eduardo Matos Montezano¹

RESUMO

O presente trabalho busca através de um projeto-proposta criar estratégias para a preservação das figueiras nativas da biorregião do Laranjal tendo por objetivo realizar um inventário da flora nativa do gênero *Ficus sp.* nesta região e fomentar um programa de educação ambiental para a preservação das figueiras nativas do Laranjal. Também chamadas de gameleiras, as espécies mais abundantes, encontradas neste local são *Ficus organensis* Miq., *Ficus subtriplinervia* Mart. e *Ficus monckii* Hassler, pertencente a família das Moráceas. O trabalho será desenvolvido por um grupo de representantes dos segmentos envolvidos como universidades, poder público e comunidade local, buscando através de uma visão sistêmica dos fatos e do senso-comum dos indivíduos, um diálogo participativo e interdisciplinar na construção de estratégias de educação ambiental para a preservação da flora nativa local.

Palavras-chave: **Preservação, figueiras, gameleiras, *Ficus sp.*, Laranjal.**

INTRODUÇÃO

A biorregião do Laranjal no município de Pelotas – RS, localizada às margens da Lagoa dos Patos apresenta uma abundante flora de espécies nativas, dentre elas as figueiras do gênero *Ficus sp.* pertencente a família das Moráceas que destacam-se pela sua utilidade e beleza. Conhecidas também por gameleiras em algumas regiões, temos dentre as figueiras mais freqüentemente encontradas, as espécies *Ficus organensis* Miq., *Ficus subtriplinervia* Mart. e *Ficus monckii* Hassler.

Hoje podem ser encontradas desde figueiras isoladas junto à arquitetura urbana das ruas dessa localidade até exemplares em pequenas matas isoladas, mostrando-se utilíssimas para nossa fauna e para outras espécies da flora nativa. Elas podem atingir cerca de 30 metros de altura e, em muitos casos, outro tanto de largura de sua copa; algumas delas podendo chegar a várias centenas de anos de idade.

¹ UFPel – FAEM – Pelotas – RS; montezano@via-rs.net

Seus frutos, que surgem em diferentes épocas do ano, de acordo com a espécie, são apreciados por inúmeras aves silvestres. Através da sua ampla copa e dos galhos, quando adultas, as figueiras abrigam e alimentam um grande número de animais silvestres, além de servirem de suporte para centenas de plantas epífitas (bromélias, orquídeas e cactos), cujas funções ecológicas multiplicam a sua utilidade (Pallazo Jr. & Both, 2001).

As figueiras são encontradas principalmente no sul e sudeste do Brasil e no Rio Grande do Sul nas áreas litorâneas, na depressão central e na região sul do estado. Tal é sua importância que no estado do Rio Grande do Sul existe uma legislação estadual que proíbe o corte ou a destruição de qualquer figueira nativa.

DESENVOLVIMENTO

O projeto será desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas através do Programa de Pós-Graduação em Agronomia da Produção Vegetal da Faculdade de Agronomia "Eliseu Maciel", através dos alunos e pesquisadores envolvidos em parceria com a iniciativa do poder público inserido num programa de educação ambiental. Serão desenvolvidas atividades de campo "in loco" para coleta de dados e inventário florestal, além de experimentos em unidades de pesquisa para estudar as técnicas de manejo e multiplicação das espécies em estudo. A educação ambiental como estratégia na preservação da flora nativa é de fundamental importância, pois conforme Sato (2002), ela deve estar continuamente buscando sua eterna recriação, avaliando seu próprio caminhar na direção da convivência coletiva e da relação da sociedade diante do mundo.

A biorregião do Laranjal está localizada no município de Pelotas-RS em uma região da planície lacustre, muitas vezes sujeitas à inundações, apresentando limitações no desenvolvimento de espécies fisionomicamente representativas dos ambientes de formações florestais (Leite & Klein, 1990). Estas áreas possuem solos arenosos, bastante pobres, cobertos por vegetação herbácea e arbustiva, com a presença de poucas espécies arbóreas, apresentando, por vezes, agrupamentos florestais onde se podem observar espécies peculiares da floresta

primitiva, como por exemplo, a figueira-de-folha-miúda (*Ficus organensis* Miq.) entre outras (Reitz *et al.*, 1988).

O gênero *Ficus* é o mais numeroso da família das Moráceas. Com cerca de 1.000 espécies, em sua maioria originárias das regiões indomalaia e polinésica, inclui diversas árvores nativas do Brasil e numerosas exóticas, cultivadas para fins ornamentais ou pelos frutos comestíveis (Marchiori, 1997). Dentre as espécies nativas no sul do Brasil, incluem-se *Ficus enormis* (Mart. ex Miq.) Miq., *Ficus guaratinica* Chod., *Ficus insipida* Willd., *Ficus luschnathiana* (Miq.) Miq. e *Ficus organensis* (Miq.) Miq.

As figueiras destacam-se nos ecossistemas tropicais por sua importância na cadeia alimentar da fauna silvestre e por conter numerosas espécies constrictoras de árvores hospedeiras. Se a dispersão de sementes é facilitada pela atração de seus sicônios comestíveis, o mecanismo da polinização depende de certas vespas (Wiebes, 1965), constituindo um relacionamento complexo, ainda pouco conhecido para as espécies brasileiras.

Dentre as três espécies em estudo a *Ficus organensis* Miq. é a mais comumente encontrada também chamada vulgarmente por figueira-branca, figueira-brava, figueira de folha-miúda, gameleira e mata-pau. Pode atingir até 30 metros de altura e apresenta tronco com até 150 cm de diâmetro.

Apresenta folhas permanentes, de cor verde-escura, brilhantes na face superior, formando sombra densa. Possui flores esverdeadas, ocorrendo nos meses de abril e maio. Apresentam sementes minúsculas, contidas dentro dos aquênios que amadurecem em junho e julho.

O tronco quando em agrupamentos na mata, é reto e alto mas, quando cresce isolado, é baixo, com copa plana e arredondada e de madeira frágil; as raízes são vigorosas, superficiais e muito longas, desenvolvendo-se melhor em solos úmidos (Palazzo Jr & Both, 1993).

A *Ficus monckii* Hassler, também conhecida por figueira-brava é uma árvore que muitas vezes inicia seu crescimento como epífita e estranguladora vivendo depois como planta independente; de 20 a 25 metros de altura e 40-70 cm de diâmetro, formando copa larga e bastante densa com folhagem verde-escura.

CONCLUSÕES

Os dados encontrados, as informações levantadas e a literatura revisada nos faz concluir que, sob o ponto de vista da sustentabilidade do ecossistema urbano da biorregião do Laranjal, baseado nas relações do homem com a natureza; a execução de um programa de educação ambiental para a preservação da flora nativa e, em especial das figueiras nativas do Laranjal é de fundamental importância para a manutenção do equilíbrio ecológico local desta área. Cabendo salientar a necessidade de se desenvolver conjuntamente estratégias de preservação e multiplicação das figueiras nativas no campo da pesquisa ecológica.

LITERATURA CITADA

- LEITE, P.F.; KLEIN, R.M. Vegetação. In: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Geografia do Brasil: região sul**. IBGE, Rio de Janeiro, 1990, v. 2, 113-150p.
- MARCHIORI, J.N.C. **Dendrologia das angiospermas: das magnoliáceas às flacurtáceas**. Santa Maria, UFSM, 1997, 271p.
- PALLAZO JR., J.T.; BOTH, M. do C. **Flora ornamental brasileira: um guia para o paisagismo ecológico**. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 1993, 183p.
- PALLAZO JR., J.T.; BOTH, M. do C. **A natureza no jardim: guia prático de jardinagem ecológica e recuperação de áreas degradadas**. 2.ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001, 109p.
- REITZ, R.; KLEIN, R.M.; REIS, A. **Projeto Madeira do Rio Grande do Sul**. Sudesul. 1988, 525p.
- WIEBES, J.T. Host specificity of fig wasps. **Proc. XII Int. Congr. Entomol.** London, 1965. 96p.
- SATO, M. **Educação ambiental**. Rima, São Carlos, 2002, 66p.